

RACISMO NA MODA

BASTIDORES REVELAM PRECONCEITO RACIAL ENTRE MODELOS NO BRASIL

O assassinato de George Floyd por um policial em Mineápolis, nos Estados Unidos, levou o mundo inteiro a lutar contra algo que, em pleno ano 2020, ainda existe: o racismo. Motivados pelas discussões e manifestações que ganharam força no mês passado, modelos brasileiros também revelaram bastidores de preconceito na indústria da moda.

Uma conta no Instagram reuniu denúncias (a maioria anônimas) que trazem nomes de grandes estilistas do cenário atual. Sob a identidade de “Moda Racista”, o perfil publicou relatos de modelos negros. Uma ação foi movida contra a página e a Justiça deu prazo de 48 horas para que a rede social revelasse a identidade do usuário que administrava a conta. Do contrário, o Instagram teria que pagar uma multa diária de R\$ 5 mil. Os próprios donos do perfil o retiraram do ar.

As discussões ganharam espaço e relevância em todo o Brasil. O tema foi debatido em uma live entre o diretor criativo da São Paulo Fashion Week (SPFW), Paulo Borges, e a modelo **Natasha Soares**. Segundo ela, a ausência de negros não se limita ao espaço das passarelas, mas faz parte de todos os setores que compõem a indústria fashion. “Eles conseguem usar o nosso rosto, o nosso corpo, nossa moda, nossa cultura, só que a gente não fala [nos editoriais de moda]”, desabafa ao dizer ainda que poucos negros têm cargos de liderança.

Natasha aponta que esta ausência implica na falta de sensibilidade por parte de algumas empresas. “Somos chamados para administrar crises. Quando uma marca faz algo que é racista, e tem alguém a criticando, ela contrata um negro para administrar aquela crise que está acontecendo. Depois

disso, o negro é retirado da empresa e o ciclo se repete”, argumenta.

Aprendizado

Depois que as discussões sobre racismo ganharam espaço no mundo, muitas marcas se manifestaram sobre a causa, inclusive aquelas que nunca haviam dado espaço para negros em suas campanhas. No entanto, é preciso atenção para entender quem realmente fez uma autocritica e mudou de postura, e quem apenas está aproveitando o momento para parecer politicamente correto.

“Esse desespero que inúmeras marcas estão tendo agora para postar uma modelo negra, postar foto com amigo negro, falar de um famoso negro que sempre admirou (mas que nunca falou a respeito) é medo. Acho que as pessoas estão agindo por desespero. Elas têm essa necessidade de correr atrás da garantia de que não serão canceladas ao invés de entender que este é um momento de aprendizado”, explica Natasha.

A modelo ressalta que ser antirracista não é saber sobre tudo, mas entender que estamos constantemente em desconstrução para podermos receber a informação de melhor maneira.

“Existem termos que eram normalizados antigamente, que eu usava, meus pais usavam, e era normal. Conforme fomos aprendendo sobre a nossa cultura, fomos parando de usar estes termos, e explicando o

porquê deles não serem bons”, pontua.

A sugestão para quem, a partir destas discussões pretende entender um pouco mais sobre a causa e defender o antirracismo, é a pesquisa. “Não basta substituir um termo, é preciso entender o significado. Porque senão a gente vai ter estas travas sempre, em que a gente não sabe se pode se referir àquela pessoa, se pode comentar sobre o cabelo dela, sendo que não são as palavras. Às vezes é só a forma como a gente fala. É uma questão de estar disposto a aprender. Só isso.”



NATASHA SOARES